

**(RE)VISITANDO MEMÓRIAS CARNAVALESCAS DE JOVENS DA
CIDADE DE CAMPINA GRANDE.**

Francisca Kelly Gomes Cristovam¹ - kelly_cristovam@yahoo.com.br

Regina Coelli Gomes Nascimento² - reginacoelli2@yahoo.com.br

O presente texto evidencia algumas das intenções teóricas e metodológicas apresentadas no projeto de mestrado intitulado “*Dos antigos carnavais à micarande: (re)configurações das culturas jovens campinenses*” . O mesmo apresenta entre outros objetivos investigar historicamente as mudanças comportamentais e as identidades afetivo-sentimentais dos foliões dos antigos carnavais (1955-65) e os da Micarande³ (1998-2008) na cidade de Campina Grande⁴.

Tal projeto será desenvolvido nos anos de 2010 e 2011 junto ao programa de pós-graduação em História da Universidade Federal de Campina Grande. A pesquisa já foi iniciada, no qual investigamos o universo dos foliões da Micarande nos anos acima referidos⁵.

O universo da pesquisa será composto por entrevistas com os foliões “micarandiantes” nos anos já referidos, e com pessoas que vivenciaram sua juventude nos anos de 1955-65 e brincaram os antigos carnavais campinenses. A pesquisa será também por meio de jornais impressos, localizados nos arquivos do museu histórico de Campina Grande, jornal da Borborema e jornal da Paraíba. Iremos então, ouvir suas histórias de vida e suas diversas maneiras de divertir e aproveitar tais festas citadas com o intuito de mostrar uma história de geração e paraibana.

Na contemporaneidade temos um mundo que supervaloriza a cultura da juventude, a qual delimita o lugar de importância e de referência para as demais idades da vida. A ela se encontra associada à idéia de prazer, festa, liberdade, aventura, lazer, etc. Ao lado da excessiva alusão feita à idéia de que a juventude é a melhor fase da vida, nota-se uma insatisfação constante e uma busca frenética por novidades, especialmente por parte dos jovens, que parece não ter fim. Esse desejo insaciável, que remete a um vazio vivenciado na modernidade, configura-se através de uma vontade de se destacar

¹ Aluna da pós-graduação em História na UFCG, e professora do ensino médio da rede estadual na Paraíba.

² Professora de História do departamento de História e da pós-graduação História na UFCG.

³ Carnaval fora de época na cidade de Campina Grande, festa móvel, que foi realizado nas décadas de 1980 e 1990.

⁴ Campina Grande, cidade localizada no interior do Estado da Paraíba, distante 122 km da capital João Pessoa. É conhecida como cidade rainha da Borborema.

⁵ Os nomes utilizados são fictícios, a pedido dos entrevistados de não terem seus nomes divulgados.

socialmente, e é intensificado na sociedade contemporânea pelo individualismo forte, pelo consumismo exarcebado, pelo hedonismo sem limites e por uma obsessiva busca do corpo perfeito. Tais conceitos são discutidos por Lipovetsky (2004) e serão utilizados, na pesquisa, como forma de discutir os desejos relacionados ao mundo contemporâneo.

No referente à juventude ou ao ser jovem na nossa sociedade ouçamos a narrativa:

... O culto pela juventude tornou marca registrada num contexto que ser jovem na aparência ou nas atitudes confunde-se com o propósito de viver a vida com intensidade, liberdade sem maiores responsabilidades... (César)⁶

Percebemos na fala acima que há uma busca incessante de pessoas na contemporaneidade para viver de acordo com o estilo jovem, e que “ser” jovem atualmente encontra associado à elaboração de uma identidade de festeiro, atento as novas tecnologias e de pessoas que aproveitam a vida. Prendidos a essas idéias é que muitos sujeitos contemporâneos, sejam estes jovens, adolescentes, ou mesmo os quarentões, desejam e buscam vivenciarem muitas experiências pautadas na liberdade sem tantas preocupações, pois parece que dizer que é jovem significa arriscar sempre em novas experiências e aventuras.

Vivemos então, num momento histórico em que a juventude se transforma(mou) em um valor em contraste com o lugar do idoso, visto como sem perspectiva e valor de vida, ou, como trata Ramos(2008), de “corpos enrugados”, que estão fora desse padrão estético idealizado de juventude, sendo reforçado freqüentemente pelos veículos de comunicação. Tal ideal é pautado pela sociedade capitalista, que vivencia um ideário de vitalidade e beleza para o corpo, sem levar em consideração a pluralidade entre os sujeitos contemporâneos.

De acordo com Debert (2004), as fronteiras entre as idades da vida passaram, na modernidade, por uma “cronologização”, fazendo com que o curso da vida fosse instituído segundo etapas padronizadas e colocadas como estáticas. Enquanto, na contemporaneidade tem-se, uma “descronologização da vida”, onde a produtividade cede cada vez mais espaço ao consumismo, e, por conseguinte, rompe cada vez mais as fronteiras das idades da vida, tornando-as móveis, fazendo com que “... *as grades de idade e a carreira sejam obliterada.*” (p.54). Portanto a autora afirma que as divisões

⁶ César, 25 anos, estudante universitário, folião que já saiu em diversos blocos, mas prefere o bloco Spazio, residente em Campina Grande. Entrevista realizada em 25 de maio de 2008.

por grupos etários foram construídas culturalmente, daí a periodização da vida é elaborada simbolicamente assinalando fronteiras entre os lugares etários.

Segundo Hall (2006), assistimos na contemporaneidade a um rompimento com as noções essencialistas de uma identidade fixa, colocando-se no centro as nuances identitárias, sinalizando múltiplos deslocamentos no tempo e nas tradições, onde as identidades podem ser mais bem especificadas pela observação no processo de sua construção, pois estas não são estáticas ou dadas, mas, são originadas por um conjunto de circunstâncias, sentimentos, histórias e experiências, que influenciam os indivíduos.

Isso implica na crise das velhas identidades, que, se durante anos proporcionou estabilidade ao mundo social, onde o indivíduo, antes visto como unificado, hoje está com sua identidade fragmentada ou descentrada. Nas sociedades modernas, o cenário cultural de classe, gênero, geração, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade estão em mutação, mudando-se também as identidades pessoais e relacionais. O sujeito “pós-moderno” possui uma identidade móvel que se encontra em mutação constantemente, podendo se identificar, ao menos provisoriamente com cada uma, na medida em que é confrontado por novas experiências e identidades.

Tais identidades provisórias e certa quebra nas fronteiras etárias são observadas dentro dos blocos da Micarande, ouçamos algumas falas:

... O bloco mostra como um lugar ideal, propulsor de sensações, um lugar ideal para o desfile das múltiplas identidades jovens,(...) O que importa é aproveitar o momento, como se o mundo fosse acabar a qualquer momento(...) A idade vai dos 13 aos 40 anos em média, vai de um extremo a outro, mas o comportamento não difere muito, sejam os precoces de 13 anos ou os quarentões não querem deixar de viver os momentos de permissividade, onde as idades parecem não ter a mínima importância (César)⁷

...os jovens vão pra Micarande começa a se divertir né, as vezes chera loló, as vezes pega um e pega outro, beija na boca, beijo na boca é só o que sai né, as vezes confusão né, e divertimento que os jovens tem (...) as muier as vezes é mais danadas que os homi, bebe do mesmo [jeito] de que os homi, chera loló, chega até ir pra ambulância e não liga em misturar bebidas (...). E também anda tudo nua mostrando quase tudo, dançando dando imbigada nos homi, umas dança toda incherida, como essa do creu. (Tereza)⁸

Notamos com as falas acima que a idade parece não importar tanto para os foliões nos espaços da festa, parece não haver tantas diferenças de idade no referente

⁷ César

⁸ Tereza, 41 anos, vendedora de bebidas na Micarande, secretária do lar, residente em Campina Grande. Entrevista realizada em 14 de junho de 2008;

à maneira como a maior parte dos participantes buscam vivenciar e curtir a experiência de “liberdade” e permissividade que o espaço festivo lhe oferece, para a realização de desejos e ansiedades que não costumam ser feitos noutras festas, a exemplo do São João. Isso porque, na Micarande parece haver consenso de que o que é proibido em outras festividades é “normal” nesta, ou seja, permite-se nos dias de carnaval fora de época “tudo”, pois esses são os dias apropriados para se extravasar e liberar as fantasias emocionais e sensual-sentimentais. Portanto, são notórias as aventuras e excitações vivenciadas pelos foliões com diferentes idades nos blocos carnavalescos da Micarande, onde se divertem e se deixam embalar pelos ritmos das músicas, das sensações diversas da festa. E mais que as diferenças de gênero estão cada vez menos perceptíveis, o que notamos ser resultado das conquistas femininas, mas pela fala de nossa entrevistada notamos certo incomodo é como se as mulheres se comportando assim estivessem invadindo o campo masculino e decretando ser uma pessoa sem pudor e respeito.

Ainda pela última fala notamos uma referencia que foliões na sua grande maioria costumam beijar várias pessoas numa mesma noite, configurando uma característica da festa. Sobre tal comportamento podemos relacionar com o que Bauman (2004) chama de “amor liquido”, tratando de sensações e impulsos. Segundo esse autor, atualmente o que acontece com o amor, na verdade, é que ele acompanhou as mudanças sociais da rapidez e da globalização, de modo que tudo ficou e está mais fluido, assim também são os novos modelos e valores para vivenciar as experiências amorosas.

O ritmo frenético das inovações e transformações foi incorporado nas relações afetivas, de modo que muitos casais vivenciam o amor, melhor dizendo, vivenciam seus sentimentos marcados por uma constante mutação, uma vez que a ordem tradicional não mais norteia as relações, pois a “liberdade” que parece estar presente na atual sociedade influencia suas vivências, tornando as relações mais maleáveis. Desta forma, na contemporaneidade percebe-se uma escolha de pessoas por experiências amorosas mais livres, em que não costuma dar tantas satisfações ao parceiro/a. E mais, atualmente a sociedade aceita com mais naturalidade e flexibilidade a mudança de parceiro/a, isto porque as quebras de paradigmas elaborados nas sociedades tradicionais estão mudando.

Na contemporaneidade ao observarmos os comportamentos segundo narrativas dos entrevistados, a volatilidade presente na pós-modernidade, move e

impulsiona para relações amorosas mais mercadológicas e líquidas, gestadas na idéia de consumo e no individualismo. Sobre a questão do ficar que tanto presenciemos atualmente, vejamos o que diz a seguinte narrativa:

Mulher eu não sei não esse negócio do fica é muito é do feio, esse negócio de tá pegando um e pegando outro, é como o meu menino ele fica com as nega, até foto das nega tem nua, é umas foto muita danada! Ele tem foto de todo jeito, de várias nega. Uma sentada na cama de baby dol, uma no banheiro tomando banho, outra de biquine, outra de baby dol bem finin mostrando os peitin. (Tereza).

E continua:

Hoje a maioria dos homi quando conhece uma muier só querem naquele dia, no outro dia como eu tava vendendo no São João e vendo a mulher começou a dar em cima do homem aí ele começou a dançar a se esfregar, aquele muído, e quando foi no outro dia ele teve lá barraca de novo aí eu vi ele dizendo ao rapaz que vende mais eu (...) ela pagou pra mim e tudo, pagou o motel né, e ela ta ali mas eu vou atrás de outra. Ta vendo num quis mais não, só quis um dia e foi ela quem pagou, bancou ele e no outro dia ela tava atrás dele e ele nem aí. (Tereza).

Nas falas acima, percebemos que a nossa entrevistada considera as mulheres que ela citou, como sem pudor, e até sem valor, pois servem apenas para um dia, são mulheres que mantêm relações descartáveis. Para Tereza na nossa sociedade as mulheres estão a cada dia com menos valor, por não se darem o respeito, pois ao aceitarem apenas ficar com um homem e não namorar sério, estar dando a liberdade para o homem não respeitá-la. Destacamos então, que ao mesmo tempo em que a sociedade cobrar por mais direitos e espaços iguais para ambos os sexos é também a que tem medo das mudanças que estão acontecendo.

Procuramos não realizar juízo de valor, porém os comportamentos juvenis contemporâneos estão imbricados nesta idéia do ficar e beijar sem compromisso, o que vale é aproveitar as oportunidades que aparecem, mas que logo se vão. Posição explicada pelo fato de que nas festas ou noitadas tudo parece ser possível, o namoro, o “fica”, o beija-beija desenfreado, daí muitas pessoas afirmam ser o espaço festivo da Micarande, em todo seu percurso, um lugar ótimo para se paquerar, dançar e se divertir com os amigos. Uma coisa é certa: quase todos os foliões afirmam que essa festa desperta muito sentimentos afetivo-sexuais, pois o próprio estilo e dinamismo da festa cooperam para que estes ocorram. Assim, existe um vai e vem constante de relações efêmeras, mesmo que haja também exceções, pois existem pessoas que se conheceram no ambiente da festa e firmaram compromissos, ou pessoas que iam para tal festividade, e não gostavam de namorar/ficar com vários numa mesma noite,

porém entre a maioria dos foliões prevalece o gosto de aproveitar o espaço para ficar a vontade, sem medo de censuras ou vergonha da sociedade.

A “pós-modernidade” globalizada tem por base muitas ambivalências, conceito discutido por Bauman (1999), e que servirá, na nossa pesquisa, de base para discutirmos as transformações da contemporaneidade e as novas culturas relacionais, cujas características são decorrentes, segundo este autor, da volatilização do capital, dos transnacionalismos, da perda da soberania dos Estados tradicionais, do fim do pleno emprego, da fragilidade dos laços humanos, da desmobilização da sociedade civil nos termos históricos, da aceleração do tempo e do encurtamento do espaço.

Sobre os comportamentos dos jovens “pós-modernos”, Almeida (2006) discute que, a maioria, estão imbricados na idéia do “ficar” e beijar sem compromisso duradouro. O que querem, na verdade, é aproveitar as oportunidades que surgem, mas que logo se vão, ou seja, são relações efêmeras. Para esta autora, os jovens contemporâneos ou “pós-modernos” vivem no labirinto da vida, vivendo em meio a sentidos contraditórios, pois, tanto tentam viver nos padrões sociais, como vão de encontro a estes.

Influenciando e sendo influenciados por um mundo de novas sensibilidades juvenis, assinaladas por um futuro de incertezas presentes na contemporaneidade, mais do que em qualquer outro momento da história, onde as relações amorosas estão bastante fluidas, em que muitos jovens convivem em suas vidas as inconstâncias, as discontinuidades e as reversibilidades, são mesmo movimentos oscilatórios que fazem os jovens se sentirem “pássaros migratórios” (ALMEIDA, 2006), que experimentam as sensações de liberdade demasiada que fazem os jovens sentirem-se verdadeiros pássaros livres para voar e baixar vôo onde quiserem, sem dia e hora marcadas, livres das amarras e compromissos que a sociedade impõe.

No referente à historiografia dos sentimentos, destacamos o historiador Costa (2004), onde ele evidencia que na contemporaneidade as relações amorosas e emocionais estão em mutações significativas que interferem diretamente na conduta dos indivíduos, nas relações afetivas, bem como, no modo que concebem os sentimentos. Percebemos na pesquisa inicial que os sentimentos na contemporaneidade para, a maioria, dos jovens existem e estes são mais livres e fluidos, diferentemente dos experimentados por nossos antecessores.

A compreensão de Bauman (2004) sobre isso, é que vivemos em um mundo instantâneo, onde é preciso estar sempre pronto para outra relação, pois não dever

haver tempo para o adiamento, para a satisfação do desejo ou para o seu amadurecimento. Sendo mais prudente uma sucessão de encontros excitantes e momentâneos, onde o sujeito está sempre disposto a enveredar por novas aventuras.

Na contemporaneidade, Bauman (2004), diz que estamos todos mais propensos às relações descartáveis, encenando episódios românticos variados, assim como os seriados de televisão e seus personagens, explicando que isso faz parte de uma cultura consumista como a nossa, que favorece o produto pronto para uso imediato, passageiro, de satisfação instantânea e que não exigem esforços prolongados. Assim, o amor, segundo ele, poderia ser confundido com uma “habilidade cumulativa”, que ocorre através de uma prática contínua de fluidez, levando a sociedade atual a “desaprender” sobre o amor, exercitando certa “incapacidade” de amar. Observa, ainda, que o termo ‘desejo’ parece demais para assinalar as relações contemporâneas, pois, desejo representa uma conquista e uma permanência, sendo que o termo mais apropriado para os comportamentos amorosos atuais seria impulso ou satisfação instantânea. Nesse sentido, Bauman (2004) e Costa (2004) discutem que, na contemporaneidade, o amor ganha novos valores e passa a ser “coisificado”, tornando-se, assim, uma espécie de mercadoria, sendo alvo do prazer passageiro, fugaz e descomprometido.

Sobre o conceito de memória, dialogamos com alguns referencias listado a seguir: Bosi (2003), que discute a importância da memória enquanto fato social, que possibilita vislumbrar o tempo passado no tempo presente, e ir ao encontro da memória do outro, assim, “... *lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, com imagens e idéias de hoje, as experiências do passado*” (BOSI, 2003). A memória, na pesquisa, será historicizada, pois concebemos que esta possui significado importante e essencial. Também consideramos que esta recebe significação do tempo presente, visto que somos influenciados pelo tempo em que estamos inseridos.

Já Halbwachs (1990), explicita ser o trabalho com a memória uma releitura na medida em que adentramos na memória/estudo do passado, entendendo que a memória do sujeito está relacionada com os acontecimentos e com o meio social no qual está inserido. O mesmo enfatiza que a memória deve ser analisada como um “fenômeno social”, pois a mesma tanto é construída de forma individual como coletivamente, sendo que ambas estão interligadas e são passíveis de modificações, pois coloca que “*a memória é resultado do movimento do sujeito no ato da memorização, como também é ação dos diversos grupos sociais em suas histórias*” (HALBWACHS,1990).

Consideraremos também a memória na nossa pesquisa, o que afirma Thompson (1997), que compomos as nossas lembranças e experiências de vida para dar sentido o nosso passado e presente, para tanto, utilizaremos no decorrer da pesquisa as linguagens e os significados atuais retratados a partir da memória e lembranças dos nossos entrevistados. E mais consideraremos que na memória permanece o que é mais significativo, e no trabalho de história “... *violiar memórias faz com que seja gestada a História que está sempre em busca de um novo sol para orientá-la...*” (ALBUQUEQUE JÚNIOR, 2007).

Sobre as memórias dos antigos carnavais campinenses, dialogamos com Santos (2005), o mesmo apresenta a batalha dos antigos carnavais com a Micarande, seu trabalho refere-se nos anos de 1970 a 2005. O autor nos apresenta discussões de carnavais de Campina Grande a partir dos anos 1960, mostrando que os carnavais tradicionais foram silenciados, não tendo mais as grandiosas festas carnavalescas em ruas tradicionais de Campina Grande, pois quanto mais se passavam os anos, mais ficavam invisíveis, sendo lembrados e com muito saudosismo na memória das pessoas que brincaram tais festas, surgindo então, para os foliões do final da década de 1990 e na década de 2000, o carnaval da Micarande. Seu trabalho nos dá visibilidade das modificações ocorridas dos carnavais da época referida para a Micarande, bem como eram concebidos e vivenciados diversamente. Porém, o mesmo não estuda os comportamentos dos jovens, daí esclarecemos que o foco de estudo do nosso trabalho diferencia do seu.

Dialogamos com Souza (2002), onde retiramos a diferença entre diversão e lazer. O autor afirma que a diversão está atrelada às práticas vivenciadas mais livremente, que deixa as pessoas mais soltas e criativas para obter maneiras de se divertir e ter prazer. Por outro lado, o lazer é algo mais institucionalizado, considerado por setores da sociedade como programas que contribuem para o indivíduo enquanto cidadão e trabalhador, este, geralmente, tem alguém que deseja obter lucros, diferentemente da diversão.

Sobre os carnavais antigos em Campina Grande ouçamos o que diz uma entrevistada:

Com a queda do Carnaval de Campina Grande que era belíssimo, [nas ruas] Maciel Pinheiro, Marquês do Herval, Floriano Peixoto, composto com os blocos (...) [este] foi desaparecendo, aos poucos com essa facilidade que se tem hoje de ir para o litoral, você chega em João Pessoa com uma hora e meia... (Maria)⁹

⁹ Maria, idosa, diretora carnavalesca e apaixonada por carnaval. Professora aposentada.

Percebemos na fala da entrevistada uma saudade e saudosismo em relação aos carnavais antigos da cidade, pois a mesma acredita que estes foram os carnavais de verdade, onde as pessoas se divertiam sem estarem presos a uma corda de isolamento, e também não havia tantas violências como se percebe na Micarande.

E mais, ela acrescenta que as danças não influenciavam para a sexualidade como hoje, e também às músicas antigas continham uma letra reflexiva e poética diferente das atuais que segundo a entrevistada são vulgares. Vejamos:

O Carnaval brasileiro sempre teve muita irreverência, sempre foi muito crítico e hoje a gente não vê isso. As músicas hoje que você vê [tem] duplo sentido é indecente. Qual a música de Carnaval que você conhece desse Carnaval (que) inventaram na Bahia que faz uma dança hoje, que no outro ano não sabe mais, que teve um ano que foi a dança da galinha que era ridícula e horrorosa. Agora me pergunte como é a dança da galinha pra mim que eu não sei mais? A dança da tartaruga, a dança do créu. Agora a dança o créu eu sei como é! Que é agora desse Carnaval, que é profundamente voltada para a dança erótica, é o ato sexual em cinco velocidades que vai da paquera, do momento que olha até o ápice que é a transa e a consumação do sexo. (Maria)

Percebemos com essa fala certa crítica aos comportamentos dos sujeitos de hoje, com relação às músicas e as danças, pois segundo a entrevistada está havendo uma inversão de valores, ocorrendo atualmente um apelo ao sensual e a sexualidade, por meio destas expressões culturais, sendo resultado de uma nova cultura onde o momento, o efêmero e o passageiro marcam o esquecimento constante, pois essa indústria cultural lança freqüentemente, musicalidades e danças que logo são esquecidas. Aparecendo outras em curto espaço de tempo. Segundo Lipovetsky (1983), isso é explicado pelo fato de atualmente estar se vivendo em uma cultura onde o novo é passageiro, pois logo aparece outro novo, que logo se descarta.

A mudança e desaparecimento do antigo Carnaval de Campina Grande, segundo Santos (2005), foram ensejados nas décadas de 70 e 80, época em que os festejos carnavalescos estavam em decadência, perdendo sua relação com os mais antigos Carnavais. Este discurso, portanto, foi (re)produzido e agenciado, principalmente, pelos segmentos mais “elitistas”, que brincavam nos antigos carnavais de Campina Grande, gestando assim um espaço de memória, onde se “inventou” e se ergueu um novo estilo carnavalesco, agora com contornos nitidamente mercadológicos. E que cada vez mais

formulava práticas e sentimentos voltados para uma nova organização da festa onde o “ser” jovem era o alvo.

Então, podemos afirmar com a pesquisa inicial realizada que os jovens “micarandiantes”, na sua grande maioria, vêem como positivo a sua juventude, acreditam que o mundo globalizado onde coloca em cena mutações mais frequentes e frenéticas na sociedade contemporânea do que em qualquer outro período da história, trouxe mais liberdade para se expressar, um número maior da população a aceitar as diferenças, mais opções de festas e locais de lazer, qualificação profissional que deixa os jovens mais atentos e em sintonia com as novas tecnologias. E também que as crenças sentimentais estão mais livres, tanto no poder de escolha(s), quanto não havendo a preocupação de se casar cedo, isso tanto para os homens como mulheres. Notamos assim, uma diferença de geração e de gênero no referente às pessoas que vivenciaram sua juventude nos anos 1950 e 1960, para estes havia diferenças entre homens e mulheres, pois as crenças sentimentais eram mais fechadas, havia a vigilância familiar e social, especialmente para as mulheres que não podia demonstrar tanto seus sentimentos, e estas costumavam casarem novas. E mais as pessoas que vivenciaram sua juventude nos anos 1950 e 60 acreditam terem aproveitado melhor sua juventude, bem como sua vida.

Sobre o comportamento dos jovens dentro dos blocos da Micarande, ouçamos o que falou um folião:

Quando comecei a sair em bloco a 10 anos, percebia que as mulheres pareciam mais passivas, a espera do beijo dos atrevidinhos masculinos, elas não bebiam tanto, pouco fumavam, e elas muitas vezes que controlavam seus namorados. E hoje [se referiu ao ano de 2007 e 2008] não percebo tanta diferença, elas ocupam os múltiplos espaços da festa... (César).

Em contrapartida na fala de pessoas idosas, temos como resultado a percepção da juventude dos anos 1990 e 2000, como vazia e negativa, e lembra com saudosismo a sua juventude nos anos de 1960. Vejamos a fala de uma entrevistada que compara a juventude dos anos 1960 com os dias de hoje:

A juventude era também uma juventude rebelde porque a década de 60 foi consagrada na história brasileira(...) a juventude de hoje não tem mais animação(...) é aquela história que é cantada pelo os Aviões do forró beber, cair e levantar,(...) a juventude bebia, bebia, namorava, namorava, entendeu toda vida casou moça grávida, não quero santificar década tal, mas era uma juventude que tinha outros valores, que tinha opções políticas, ideológicas, que ia pra rua, que protestava,(...)

que tinha ousadia, que tinha grêmios literários ia discutir literatura, (...) quer dizer hoje a juventude tá viciada na internet(...) se isolam inclusive né, fica doente, num tem mais uma socialização. (Maria).

Com a pesquisa inicial, constatamos na fala de alguns entrevistados, que os jovens nos antigos carnavais se comportavam sem despertarem tantos sentimentos erótico-sensuais, como também estes costumavam sair de casa para se divertirem na companhia de alguém de mais idade. Segundo os entrevistados, a juventude e o carnaval de antes, em Campina Grande, como também no Brasil, tinha mais irreverência, onde as pessoas se divertiam mais e melhor.

Portanto, seja do lugar de pesquisador ou do lugar de historiadores é perceptível que a troca de saberes e experiências já ocorridas durante a pesquisa inicial e leituras teóricas foi pedagógico e gratificante, pois ouvir as histórias de vidas e opiniões sobre as festas pesquisadas – Micarande (1998-2008) e os Antigos Carnavais (1955-1965) nos enriqueceu e despertou para recordações juvenis. Daí, afirmamos que no nosso trabalho de escuta e produção textual procuraremos recortar os silenciamentos, os lugares “indizíveis” produzidos pela historiografia inspirada na história oficial, nesse sentido irmos ao encontro do outro e se colocar em constante transformação enquanto pesquisadores e seres sociais.

REFERENCIAS BIBLIOGRAFICA

ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz de. *Violar memórias e gerar a história: abordagem a uma problemática fecunda que torna a tarefa do historiador um parto difícil*. In. História: a arte de inventar o passado. Ensaios da teoria de história. Bauru, SP: Edusc, 2007.

ALMEIDA, Maria Isabel Mendes de. & EUGENIO, Fernanda. (Orgs.). *Culturas jovens: novos mapas do afeto*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2006.

BAUMAN, Zygmunt. *Amor Líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.

BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade e ambivalência*. Tradução Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 1999.

BOSI, Ecléa. *O Tempo Vivo da Memória: Ensaios de psicologia social*. São Paulo: ateliê editorial, 2003.

CAVALCANTI, Silêde Leila Oliveira. “amores enrugados, juvenis ou líquidos? histórias de afetos, (res)sentimentos e emoções de idosos(as) campinenses”. Projeto de doutorado. UFPE.2008

- COSTA, Jurandir Freire, *Sem fraude nem favor: estudos sobre o amor romântico*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.
- DEBERT, Guita Grin. *A Reinvenção da Velhice: socialização e processos de reprivatização do envelhecimento*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Fapesp, 2004.
- FERREIRA, Felipe. *O Livro de Ouro do Carnaval Brasileiro*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004
- FERREIRA, Marieta de Moraes & AMADO, Janaina. *Usos & Abusos da História Oral*. 8. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.
- FRAGA, alex Branco. *Corpo, identidade e bom-mocismo – cotidiano de uma adolescência bem-comportada*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.
- HALL, Stuart. *A Identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. 11º ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva e memória individual*. São Paulo: Edições Vértice, 1990, pp 25-32.
- JUNIOR, Gilson Porto. *História do Tempo Presente*. Editora: Edusc. 2007.
- LEVI, Giovanni & SCHMITT, Jean-Claude. *História dos Jovens*. Tradução Paulo Neves; Nilson Moulin; Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- LIPVETSKY, Gilles, (1944). *Os tempos hipermodernos*. Tradução Mário Vilela. São Paulo: Editora Barcarolla, 2004.
- PESAVENTO, Sandra, J. *História & História Cultural*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.
- ROUDINESCO, Elisabeth. *A família em desordem*. Tradução André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.
- SANTOS, Wagner Geminiano dos. *Os carnavais de Campina Grande – 197-1995: a (des)invenção dos carnavais como campos de batalha e espaços de festejo e comemoração*. Trabalho de monografia. Campina Grande: UFCG, 2005.
- SILVA, Keila Queiroz e. *Os corpos enrugados e meus outros espelhos etários*. Tese de doutorado em Sociologia, UFPB, 2008.
- SOUZA, Antonio Clarindo B. de. *Lazeres permitidos, prazeres proibidos: sociedade, cultura e lazer em Campina Grande (1945-1965)*. Tese de doutorado. Recife: UFPE, 2002.
- THOMPSON, Paul. *A Voz do Passado: História Oral*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.